



Macroprojeto *Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas*  
Projeto de Criação e Editoração do Periódico Científico Revista Metáfora Educacional (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, de autoria da Prof.<sup>a</sup> Dra. Valdecí dos Santos.

**Editora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Valdecí dos Santos (Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) *Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas*) - <http://lattes.cnpq.br/9891044070786713>  
<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>

**Revista indexada em:**

**NACIONAL**

**WEBQUALIS** - <http://qualis.capes.gov.br/webqualis/principal.seam> - CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Ministério de Educação - Brasil): - WebQualis/áreas de conhecimento (triênio 2010-2012) - **Educação: B4, Psicologia: B3, História: C e Artes – Música: C**  
**GeoDados** - <http://geodados.pg.utfpr.edu.br>

**INTERNACIONAL**

**CREFAL** (Centro de Cooperación Regional para la Educación de los Adultos en América Latina y el Caribe) - <http://www.crefal.edu.mx>  
**DIALNET** (Universidad de La Rioja) - <http://dialnet.unirioja.es>  
**GOOGLE SCHOLAR** – <http://scholar.google.com.br>  
**IRESIE** (Índice de Revistas de Educación Superior e Investigación Educativa. Base de Datos sobre Educación Iberoamericana) - <http://iresie.unam.mx>  
**LATINDEX** (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal) - <http://www.latindex.unam.mx>

**n. 13 (jul. – dez. 2012), dez./2012**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A PRÁTICA EDUCATIVA: ESTUDO EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE DIVISA ALEGRE-MG**

**ENVIRONMENTAL EDUCATION AND EDUCATIONAL PRACTICE: STUDY IN A STATE SCHOOL OF DIVISA ALEGRE, MINAS GERAIS, BRAZIL**

**Obertal da Silva Almeida**

Mestre em Agronomia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/*Campus* de Itapetinga  
E-mail: [oalmeida@uesb.edu.br](mailto:oalmeida@uesb.edu.br)

**Denny Fábio Macedo**

Geógrafo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

E-mail: [dennyfmg@hotmail.com](mailto:dennyfmg@hotmail.com)

**Vanessa Cruz Santos**

Especialização em Saúde Coletiva com Ênfase em Programa Saúde da Família (PSF) pela Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC  
Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/*Campus* de Vitória da Conquista  
E-mail: [autoraautoriam@hotmail.com](mailto:autoraautoriam@hotmail.com)

**Karla Ferraz dos Anjos**

Especialização em Educação e Diversidade Étnico-cultural pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Mestranda em Enfermagem e Saúde na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
E-mail: [autoraautoriam@hotmail.com](mailto:autoraautoriam@hotmail.com)

156

## RESUMO

As preocupações referentes à Educação Ambiental vêm se intensificando nas últimas décadas. Por meio desta, é possível compartilhar conhecimentos com as comunidades, procurando sensibilizá-las para as questões ambientais, além de mobilizá-las para a modificação de atitudes nocivas e para a apropriação de posturas benéficas ao equilíbrio ambiental. Neste sentido, a escola desempenha um dos papéis mais relevantes, pois a ela cabe facilitar a construção do conhecimento e formar indivíduos conscientes com as questões ambientais. Sendo assim, este estudo tem como objetivos: analisar a prática educativa vivenciada pelos professores da Escola Estadual de Divisa Alegre-MG em relação à temática da educação ambiental; verificar os principais impasses e desafios encontrados por estes professores em sua prática educativa cotidiana; e investigar a existência de projetos/ações de educação ambiental desenvolvidos pela referida escola. A metodologia baseou-se em pesquisa descritiva e exploratória, de natureza qualitativa e quantitativa. Os resultados revelaram que implementar efetivamente a Educação Ambiental na escola em estudo tem se mostrado uma tarefa complexa, uma vez que as atividades inerentes a este tipo de educação ocorrem esporadicamente, de forma fragmentada e por meio da iniciativa de alguns poucos professores. A temática não é trabalhada de forma transversal e, conforme os professores relataram, isto acontece, geralmente, por conta da indisponibilidade de recursos didáticos. Conclui-se que existem várias dificuldades nas atividades de sensibilização e formação, na implantação de atividades e de projetos, e, principalmente, na manutenção e continuidade dos projetos já existentes. Logo, sugere-se que a escola em estudo busque adequar melhor suas proposições pedagógicas no que dizem respeito à Educação Ambiental. **Palavras-chave:** Educação Ambiental. Práticas Educativas. Sensibilização. Percepções dos Professores. Parâmetros Curriculares Nacionais.

## ABSTRACT

Concerns pertaining to environmental education have been intensifying in recent decades. Through this education, it is possible to share knowledge with communities, seeking to sensitize them regarding environmental issues and mobilize them for the modification of unsustainable attitudes and the adoption of beneficial attitudes for the environmental balance. In this sense, school plays one of the most important roles, because it facilitates knowledge construction and

educates individuals to be conscious about environmental issues. Therefore, this study aims to: analyze educational practice experienced by the teachers of the State School of Divisa Alegre-MG in relation to the issue of environmental education; verify the main problems and challenges faced by these teachers in their everyday educational practice, and investigate the existence of environmental education projects/ activities developed by this school. Methodology was based on descriptive and exploratory research of qualitative and quantitative nature. Results revealed that to effectively implement environmental education in the surveyed school has proved to be a complex task, since the activities inherent to this type of education occur sporadically and fragmentally through the initiative of a few teachers. The issue is not handled in a cross-sectional way and, as teachers reported, this is usually due to the unavailability of teaching resources. It is concluded that there are several difficulties in awareness and training activities, in the implementation of activities and projects, and especially in the maintenance and continuation of existing projects. Therefore, it is suggested that the surveyed school ought to adequate better its pedagogical propositions related to Environmental Education. **Keywords: Environmental Education. Educational Practices. Awareness. Teachers' Perceptions. National Curriculum guidelines.**

## INTRODUÇÃO

Preocupações inerentes à temática ambiental vêm se intensificando nas últimas décadas, evidenciadas pelo crescente número de atividades e projetos desenvolvidos pelos variados setores da sociedade, no intuito de educar as comunidades, procurando sensibilizá-las para as questões ambientais, mobilizá-las para a modificação de atitudes nocivas e a apropriação de posturas benéficas ao equilíbrio ambiental (ALVES, 2009). Nesse sentido, a escola desempenha um dos papéis mais importantes nesse direcionamento, pois a ela cabe informar, pesquisar e formar futuros gestores da sociedade humana (ARAUJO; SOARES, 2010). Por isso, é dever da escola oferecer meios efetivos para que cada aluno compreenda os fenômenos naturais, as ações humanas e sua consequência para consigo, para sua própria espécie, para os outros seres vivos e o ambiente. É fundamental que cada aluno desenvolva as suas potencialidades e adote posturas pessoais e comportamentos sociais construtivos (REIGOTA, 2004).

A escola ajudará o aluno a perceber a correlação dos fatos e a ter uma visão holística, ou seja, integral do mundo em que vive (EFFTING, 2007). Para isso, a educação ambiental deve ser abordada, em todos os níveis de ensino, de forma sistemática e transversal, assegurando a presença da dimensão ambiental de forma interdisciplinar nos currículos das diversas disciplinas (BRASIL, 1997). Consequentemente, o educador tem a função de desenvolver em seus alunos a capacidade de perceber, julgar e refletir sobre os problemas ambientais presentes em seu cotidiano (BARCELOS, 2008).

Nessa linha de raciocínio, este estudo tem como objetivos: analisar a prática educativa vivenciada pelos professores da Escola Estadual de Divisa Alegre-MG em relação à temática educação ambiental; verificar os principais impasses e desafios encontrados por estes professores em sua prática educativa cotidiana; e investigar a existência de projetos/ações de educação ambiental desenvolvidos pela referida escola. Tais objetivos foram estabelecidos devido ter-se verificado por meio de produções científicas como pode ser evidenciado nos trabalhos de Paiva (2008), Ribeiro (2008) e até mesmo com a própria vivência prática, uma falta de preocupação por parte dos professores no que diz respeito ao estudo da temática de educação ambiental em sala de aula.

É inquestionável, portanto, que falar de educação ambiental é tratar de um tema transversal, podendo ser trabalhado em qualquer disciplina, tendo em vista que todas elas, quando bem trabalhadas a partir de suas abordagens específicas, podem contribuir para que os alunos percebam-se como integrantes da natureza e não como meros modificadores ou dominadores.

Levando em consideração estas idéias centrais, justifica-se a importância deste trabalho não só pela atualidade do tema, mas pela real necessidade das instituições públicas de ensino de se trabalhar com os alunos a temática educação ambiental (LOUREIRO, 2004; 2007). Assim, o resultado deste estudo constituirá uma importante base de informações para futuras pesquisas, visto que a educação ambiental e a prática educativa, apesar de ser muito explorado na literatura brasileira, na vivência não são utilizadas em toda sua plenitude.

## **METODOLOGIA**

### **Tipo de pesquisa**

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, de natureza qualitativa. Utilizou-se, *a priori*, a pesquisa do tipo exploratória, objetivando compreender melhor a temática proposta e a forma como a escola realiza a abordagem da EA em seu contexto. Em seguida, realizou-se a pesquisa descritiva, que procurou, por meio das respostas dos informantes, averiguar o cotidiano da escola e seu trabalho com o tema em questão.

A escolha de fazer estudo exploratório justifica-se pelo fato de que este tipo permite observar mais proximamente o fenômeno. Ele investiga a sua natureza complexa e os outros fatores com os quais o fenômeno está relacionado. O estudo exploratório é realizado quando uma nova área ou tópico está sendo investigado, e os métodos qualitativos são essencialmente úteis para a exploração de fenômenos pouco entendidos (POLIT et al., 2004).

Este estudo é descritivo pelo fato de descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2007). Optou-se pelo estudo qualitativo devido à preocupação do pesquisador não ser com a representatividade numérica do grupo a ser pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de organizações/instituições ou de uma trajetória (GOLDENBERG, 2002) e quantitativo pois atua em níveis da realidade, traduzindo em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las (MINAYO, 2010).

### **Local e sujeitos da pesquisa**

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Divisa Alegre, no Estado de Minas Gerais, integrante da Rede Estadual de Ensino, fundada em 1964, de 1ª a 4ª série. Por meio da Resolução 810/74, passou a ser denominada Escola Estadual de Divisa Alegre 1º grau, oferecendo ensino até a 8ª série em 1998. Conforme IBGE (2010), o município de Divisa Alegre é uma pequena cidade brasileira, localizada no Estado de Minas Gerais, próxima à divisa com a Bahia. Situa-se a 975m de altitude, e possui aproximadamente 5.884 habitantes. A cidade apresenta um clima semiárido, e dista 742 Km da capital Belo Horizonte (IBGE, 2010).

Foram pesquisados todos os professores que atuam na escola nos turnos matutino, vespertino e noturno que corresponde a um universo de 27 professores os quais 67% eram do sexo feminino; a faixa etária variou entre 20 e 40 anos de idade, sendo que 77% têm entre 30 a 40 anos; todos têm nível superior; o tempo de trabalho com educação varia de 05 a 20 anos e

que, percebeu-se que 40% do corpo docente é formado por profissionais que atuam há mais de 10 anos, com experiência e tempo de serviço.

### **Dados de pesquisa: coleta, técnicas, instrumentos e análise**

A coleta de dados foi realizada mediante elaboração de um instrumento de pesquisa, previamente construído pelos autores, que se constituiu de um questionário semiestruturado, o qual buscou constatar a inserção da temática educação ambiental em sala de aula/escola enfocando alguns pontos questões a saber: situação da Educação Ambiental na sua escola, preocupação/interesse dos alunos e professores com a problemática ambiental, descrição de projetos de educação ambiental que a escola desenvolve e o envolvimento do mesmo, qual o grau de conhecimento que dispõe sobre o tema, quais são as maiores dificuldades que atravancam a educação ambiental na sua escola e qual é o maior desafio do educador enquanto agente de conscientização ambiental, como esses temas que envolvem a questão ambiental podem ser trabalhados, se sentem motivados para desenvolver projetos de educação ambiental na sua escola e se já participou de cursos de aperfeiçoamento ou de capacitação na área de educação ambiental.

Os dados obtidos com os questionários foram tabulados, analisados e interpretados. Para tanto, inicialmente, realizou-se a leitura completa do material; posteriormente, registrou-se a frequência de surgimento das unidades de registro. Em seguida, fez-se necessária a discussão juntamente com contribuições teóricas, cuja finalidade foi a de apresentar considerações acerca do fenômeno estudado.

A pesquisa iniciou-se após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Tecnologia, sob o protocolo nº 1998/2011, obedecendo ao que preconiza a Resolução Nº 196/1996, que estabelece as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **1 Temática Ambiental e de Educação Ambiental nas reflexões dos pesquisadores/as**

#### ***Evolução da temática Educação Ambiental***

A discussão sobre educação ambiental não tem nada de novo. Reigota (2004) sinaliza que embora a preocupação com a degradação ambiental remeta à Antiguidade, é a partir da década de 60, época marcada pelo crescente desenvolvimento industrial e tecnológico da sociedade impulsionado pela Guerra Fria, que esta se intensifica, fazendo com que o mundo se conscientizasse que ele poderia ser destruído pelas mãos humanas. Ainda não se falava de educação ambiental, mas os problemas ambientais já demonstravam a irracionalidade do modelo de desenvolvimento capitalista.

No início da década de 70, mais precisamente em 1972 durante a Conferência de Estocolmo na Suécia, a questão ecológica toma proporções mais significativas, e a educação ambiental passa a ser considerada como campo da ação pedagógica, ou seja, a integração ser humano e ambiente dever ser aplicada principalmente nas escolas. Assim, o termo Educação Ambiental – EA – surge como novo ramo de educação, que se propõe atingir, através de um processo pedagógico participativo e permanente, a todos os cidadãos, procurando despertar, principalmente no educando, uma consciência crítica sobre seu papel no relacionamento com o meio ambiente, de modo comprometido com a vida, com a sociedade local e global (DIAS, 2003).

Em resposta às recomendações da Conferência de Estocolmo, em 1975 a UNESCO promove em Belgrado – Iugoslávia, o Encontro Internacional sobre Educação Ambiental que culminou com a formulação de princípios e orientações para um programa internacional de EA, segundo o qual esta deveria ser contínua, interdisciplinar, integrada às diferenças regionais e voltada para os interesses nacionais (TELLES et al., 2002).

No ano de 1977 ocorre em Tbilisi, ex-URSS, a Primeira Conferência sobre EA, considerada o mais importante evento para a evolução desta temática no mundo. Foi recomendado que a prática da EA deva considerar todos os aspectos que compõem a questão ambiental, ou seja, aspectos políticos, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos, éticos, culturais e ecológicos, dentro de uma visão inter e multidisciplinar por meio da participação ativa dos educandos na educação formal e não formal, em favor do bem-estar da comunidade humana (REIGOTA, 2004).

Partindo deste princípio, em 1987, na Conferência Internacional sobre Educação e Formação Ambiental, realizada em Moscou e convocada pela Unesco, conclui-se pela necessidade de se introduzir efetivamente a EA nos sistemas educativos dos países (DIAS, 2003).

No Brasil, as ideias a respeito da EA se propagaram, em uma maior extensão, apenas na década de 80, quando a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 colocou como competência do poder público promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para preservação do meio ambiente (TELLES et al., 2002). A partir daí, importantes eventos relacionados à conservação ambiental e ao desenvolvimento sustentável foram realizados como RIO/92.

### ***Conceituando Educação Ambiental***

Conforme as vivências de cada um, o conceito de educação ambiental varia de interpretações. Para muitos, restringe-se em trabalhar assuntos relacionados à natureza como preservação, paisagens, lixo, animais, etc., assumindo um caráter basicamente naturalista. Entretanto, atualmente, a educação ambiental vem assumindo um novo contexto adaptado à realidade interdisciplinar, vinculada aos temas ambientais locais e globais.

A Lei Federal nº 9.795 de 1999, também conhecida como Lei de Política Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, 1999), define EA em seu artigo 1º e 2º, respectivamente, da seguinte forma: [...] processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. [...] é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades ao processo educativo, em caráter formal e não formal.

O Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA – define a EA como um processo de formação e informação orientado para o desenvolvimento da consciência crítica sobre as questões ambientais, e de atividades que levem à participação das comunidades na preservação do equilíbrio ambiental (LOUREIRO, 2004).

Para a Organização das Nações Unidas – UNESCO – A educação ambiental é um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, habilidades, experiências, valores e a determinação que os tornam capazes de agir, individual ou coletivamente, na busca de soluções para os problemas ambientais, presentes e futuros (LOUREIRO, 2004).

Barcelos (2008) vai mais além ao afirmar que a EA desenvolve-se num contexto de complexidade, procurando trabalhar não apenas a mudança cultural, mas também a

transformação social, ética e política. Por isso, pode ser definida como um processo em que se busca despertar a preocupação individual e coletiva para a questão ambiental, garantindo o acesso à informação em linguagem adequada, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e estimulando o enfrentamento das questões ambientais e sociais.

O entendimento de Cascino (2003) sobre a definição da EA é no sentido de que esta aponta para as transformações da sociedade em direção a novos paradigmas de justiça social e qualidade ambiental.

Na opinião de Telles et al. (2002), enquanto conhecimento sistematizado, a EA busca o equilíbrio entre ser humano e o ambiente, com vista à construção de um futuro pensado e vivido numa lógica de desenvolvimento e progresso. Neste contexto, a educação ambiental é ferramenta de educação para o desenvolvimento sustentável e encontra-se em franco processo de construção de suas bases teóricas e conceituais uma vez que reflete o que acumulamos e aprendemos de forma muitas vezes não linear e contraditória.

Dentre as definições existentes, encontramos uma linha de evolução, na qual a EA deixa de ser concebida enfatizando apenas um dos seus aspectos, que é o ecológico, para também considerar o social, político, econômico, ético, científico, cultural e tecnológico. Hoje, a temática caminha para a sustentabilidade, sendo uma importante ferramenta a ser utilizada no intuito de alcançá-la, seja ela em qualquer setor. Trata-se de um relevante instrumento para o processo de construção de novas alternativas para o desenvolvimento.

### ***Finalidade e princípios da Educação Ambiental***

Na visão de Dias (2003, p. 45), objetivando contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos para se decidirem a atuar na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade local e global, a EA tem como princípios:

- Aplicar um enfoque interdisciplinar, aproveitando o conteúdo específico de cada disciplina, de modo que adquira uma perspectiva global.
  - Considerar o meio ambiente em sua totalidade, ou seja, em todos os seus aspectos naturais e criados pelo homem (tecnológico e social, econômico, político, histórico-cultural, moral e estético).
  - Examinar as principais questões ambientais, do ponto de vista local, regional, nacional e internacional, de modo que os educadores se identifiquem com as condições ambientais de outras regiões.
  - Insistir no valor e na necessidade da cooperação local, nacional e internacional para prevenir e resolver problemas ambientais.
  - Ajudar a descobrir os sintomas e causas reais dos problemas ambientais.
  - Ajudar a fazer compreender, claramente, a existência e a importância da interdependência econômica, social, política e ecológica nas zonas urbanas e rurais.
- Proporcionar a todas as pessoas a possibilidade de adquirir os conhecimentos dos valores, o interesse ativo e as atitudes necessárias para proteger e melhorar o meio ambiente.
- Induzir novas formas de conduta nos indivíduos, nos grupos sociais e na sociedade, em seu conjunto, a respeito do meio ambiente.

### ***Educação Ambiental e a Prática Educativa***

Reforça Loureiro et al. (2005) que o futuro da humanidade depende da relação estabelecida entre a natureza e o uso dos recursos naturais disponíveis, por isso, a questão ambiental vem sendo considerada como cada vez mais urgente e importante para a sociedade.

Essa consciência já chegou à escola e muitas iniciativas têm sido desenvolvidas em torno desta questão, por educadores de todo o País. Por estas razões, vê-se a importância de se incluir a temática do meio ambiente como tema transversal dos currículos escolares, permeando toda prática educacional.

Segundo Araujo e Soares (2010), a EA tem sido entendida e desenvolvida enquanto educação sobre o ambiente, educação no ambiente, educação para o ambiente e pelas classes formadas pelas possíveis combinações entre estas três categorias. A educação sobre o ambiente procura desenvolver o conhecimento e a compreensão, incluindo as capacidades necessárias para obter este conhecimento. A educação para o ambiente procura a preservação ou melhoria do ambiente. Ambas são caracterizadas pelos seus objetivos. Por outro lado, a educação no ambiente caracteriza-se por ser uma técnica de ensino – aprendizagem, e o termo ambiente geralmente significa o mundo fora da sala de aula ou, de uma forma geral, o contexto natural e/ou social em que as pessoas vivem.

Nesse sentido, cabe ao professor estabelecer uma nova relação com quem está aprendendo, passar do papel de ‘solista’ ao de ‘acompanhante’, tornando-se não mais alguém que transmite conhecimentos, mas aquele que ajuda os seus alunos a encontrar, organizar e gerir saber (ARAUJO; SOARES, 2010, p.155).

Assim, a transdisciplinaridade passa a ser parte fundamental para a prática educativa onde o objetivo é atingir uma percepção mais humana e sensível em relação ao meio ambiente e à qualidade de vida. Segundo Loureiro (2007), essa é uma proposta alinhada com o novo entendimento do processo de aprendizagem que sugere a necessidade de estratégias de ensino mais adequadas e torna evidente a importância de um currículo integrado que valorize o conhecimento contextual, no qual as várias disciplinas sejam vistas como recursos a serviço de um objeto central, objeto este que também pode ser entendido como um tema transversal que permeia as outras disciplinas já constituídas e consegue trazer para a realidade escolar o estudo de problemas do dia a dia.

Além disso, as atividades de educação ambiental precisam extrapolar o âmbito escolar e promover o aprendizado e, até, a transformação de todos nós. Segundo Telles et al. (2002), não há limite cronológico, em termos de educação ambiental, para que todos estejam em processo de aprendizado constante. Entretanto, como a maioria dos temas transversais, educação ambiental é um muito abrangente, por isso a necessidade de buscar aprendizagem em forma de projetos que se propõem a trabalhar o assunto em focos mais específicos.

Por isso, segundo Cascino (2003) a EA não deve ser entendida como um tipo especial de educação. Trata-se de um processo longo e contínuo de trabalho participativo em que todos, aluno, família, escola e comunidade, devem estar envolvidos, respeitando, porém, a cultura local. Nesse sentido, pode-se dizer que o processo de aprendizagem de que trata a educação ambiental não pode ficar restrito exclusivamente à transmissão de conhecimentos, devendo levar em consideração a discussão e avaliação crítica dos problemas comunitários e também a avaliação feita pelo aluno, de sua realidade individual e social, na comunidade em que vive.

Diante dessa realidade, podemos ressaltar que a EA passa a ser enfocada num sentido de transversalidade, não sendo objeto de preocupação de uma única disciplina, mas, numa perspectiva inter e multidisciplinar, busca desenvolver o ser humano por meio de estratégias que instiguem sua percepção, raciocínio e expressão produzindo comparações, análises e sínteses, novos conhecimentos a partir de sua realidade, da sua vivência.

O trabalho de EA deve ser desenvolvido a fim de ajudar os alunos a construir uma consciência global das questões relativas ao meio para que possam assumir posições afinadas com os valores referentes à sua proteção e melhoria. Para isso é importante que possam atribuir significado àquilo que aprendem sobre a questão ambiental. E esse significado é resultado da ligação que o aluno estabelece entre o que aprende e a sua realidade cotidiana, da possibilidade



de estabelecer ligações entre o que aprende e o que já conhece, e também da possibilidade de utilizar conhecimento em outras situações.

### ***Educação Ambiental e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN***

Esclarece Cascino (2003) que os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – surgiram a partir da Lei Nacional de Diretrizes e Bases nº 9.394 de 1996 e se tornaram referências para os ensinos fundamental e médio de todo o país. Em seu art. 22, a Lei nº 9.394/96 assegura o acesso à educação e propõe princípios pedagógicos e metodológicos a serem observados pelas instituições de ensino da rede pública, o que possibilitou articular a temática ambiental às diversas áreas da grade curricular e não como uma disciplina isolada.

Os PCN definem EA como “uma proposta revolucionária, que, se bem empregada, pode levar a mudanças de comportamento pessoal e a atitude e valores de cidadania que podem ter fortes consequências sociais” (BRASIL, 1997, p.27). Assim, possuem como objetivo garantir a todas as crianças e jovens brasileiros, mesmo em locais com condições socioeconômicas desfavoráveis, o direito de usufruir do conjunto de conhecimentos reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania. Não possuem caráter de obrigatoriedade e, portanto, pressupõe-se que serão adaptados às peculiaridades locais.

Nesse sentido, pode-se dizer que os PCN não são uma coleção de regras que pretendem ditar o que os professores devem ou não fazer e sim, uma referência para a transformação de conteúdos, objetivos e didática do ensino. Foram elaborados para que o aluno, ao concluir o ensino fundamental, seja capaz de “perceber-se integralmente do meio ambiente e agente transformador do mesmo, podendo contribuir para sua melhoria” (BRASIL, 1997, p.107). Para que haja essa percepção, faz-se necessário trabalhar a temática ambiental com transversalidade e o principal critério, segundo Araújo e Soares (2003, p.92) é “o relacionamento destas questões/temas com o cotidiano vivenciado no momento em que o conhecimento está sendo construído em aula e suas respostas se fizerem necessárias”.

Além da inclusão da temática ambiental em si como tema transversal, as contribuições que os PCN trazem para o desenvolvimento da educação ambiental são incentivos em âmbito formal, a sua importância e a responsabilidade de todos para com ela, ajudando a resgatar valores essenciais como respeito, fraternidade, ética, mudanças de hábitos, comportamentos e atitudes, visando não apenas à proteção da vida, mas também à qualidade da vida, e a escola pode ser um meio propício para que o indivíduo tenha essa percepção, podendo, assim, entender sua posição e inserção sociais (CASCINO, 2003).

Apesar disso, existem inúmeras escolas que ainda não se adequaram, de forma suficiente, para desenvolver projetos interdisciplinares previstos nos PCN. Muitas não possuem uma prática constante de execução de novas propostas e de compromisso com projetos ambientais de uma forma geral, o que pode ser explicado pelo descompasso existente entre teorias e metodologias e da má formação das licenciaturas, evidenciando a necessidade de um trabalho de capacitação e de treinamento dos professores para amenizar a falta de preparo dos educadores, das escolas e de todos os envolvidos em educação ambiental.

## **2 Educação ambiental e a prática educativa: um estudo de caso na escola Estadual de Divisa Alegre-MG**

A tabulação dos dados a partir do questionário aplicado permitiu chegar as seguintes constatações:

No que se refere à avaliação da inserção da temática educação ambiental em sala de aula, foi questionado como anda a educação ambiental na escola. Muitos professores proclamam ser

defensores e preocupados com o meio ambiente, porém pouco ou nada fazem para inserir essa temática em suas aulas. Segundo os professores, a temática é trabalhada somente nas disciplinas afins como biologia e ciências. Assim, reconhecem a necessidade de se intensificar ainda mais as preocupações inerentes à temática ambiental e, concomitantemente, as iniciativas dos professores para o desenvolvimento de atividades, projetos e congêneres no intuito de educar os alunos, procurando sensibilizá-los para as questões ambientais, e mobilizá-los para a modificação de atitudes nocivas e a apropriação de posturas benéficas ao equilíbrio ambiental (ALVES, 2009).

Como tema transversal, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997) propõem que a educação ambiental deva estar presente em todas as disciplinas, perpassando seus conteúdos, como é desejado pelos educadores ambientais. Entretanto, a educação atual não valoriza esse tipo de abordagem interdisciplinar e essa temática é vista como uma disciplina única, sendo muitas vezes deixada em segundo plano em relação aos conteúdos disciplinares. A proposta dos PCN é de uma abordagem ambiental integrada, tanto entre as disciplinas como entre a sociedade. A integração de todo o corpo docente ao trabalhar a temática ambiental ainda é mal entendida e pouco utilizada no cotidiano escolar (TELLES; ROCHA; PEDROSO, 2002). Assim, a educação ambiental fica em geral restrita ao professor de ciências e biologia, e percebemos essa tendência que é reforçada pela inclusão, na maioria das vezes, deste tema somente nos livros de ciências (CASCINO, 2003).

Como o grau de consciência não é proporcional ao grau de envolvimento em ações de educação ambiental, perguntou-se aos informantes como eles percebem a preocupação e a consciência dos alunos em relação à problemática ambiental. A partir dos resultados verificou-se que os professores, em sua maioria (80%), percebem nos alunos certo desinteresse com a problemática ambiental. Isto se deve, provavelmente, ao método tradicional com que é trabalhada a disciplina que acaba não os atraindo e sensibilizando para a possibilidade de tomarem consciência. As respostas denotam que faltam aos professores um embasamento teórico que os capacite a promover nos alunos a construção e re-construção de conhecimentos e valores ambientais que extrapolem o respeito puro e simples à natureza. Vale ressaltar que o ensino tradicional por meio simplesmente dos métodos de leituras de livros não desperta interesse dos alunos (PAIVA, 2008), e sim novas metodologias de ensino que propiciam uma melhor assimilação como trabalhos práticos com jogos e brincadeiras educacionais, palestras, vídeos e internet. atividades artísticas, experiências práticas, atividades fora de sala de aula, produção de materiais locais, projetos, etc.

Segundo os relatos, esse desinteresse tem uma relação direta com a escola, mas principalmente com a própria família, por isso a importância de considerar as questões culturais e a realidade do aluno ao tratar o tema em sala de aula (LOUREIRO; LAYRARGUES, 2005). Isso representa uma das dificuldades que os professores encontram ao praticar a educação ambiental: privilegiar uma prática educacional que possibilite criar espaços e momentos de reflexão sobre a realidade em que vivem, construindo uma nova leitura acerca dos contextos vivenciados. Na opinião de Dias (2003), a percepção ambiental é o entendimento e o conhecimento que os seres humanos têm do meio em que vivem, com a influência dos fatores culturais, socioeconômico, religiosos, históricos, educativos e subjetivos que influenciam na percepção do indivíduo.

Para que a educação ambiental desperte no aluno o desejo de trabalhar no sentido de exercer um papel ativo e indispensável na manutenção ou preservação do meio ambiente, é fundamental que seja instigado por meio de questionamentos que desafiem seu senso crítico e o façam perceber que tudo que o rodeia é o meio ambiente e que ele faz parte do mesmo (REIGOTA, 2004).

Porém, para isso, é fundamental que todos os professores estejam também interessados e empenhados em trabalhar o tema. A escola enquanto mediadora do conhecimento, através de seus professores tem o compromisso de participar e envolver-se nos processos de mudanças. Para tanto, faz-se necessário um trabalho coletivo (PAIVA, 2008). No contexto escolar averiguado, a EA ocorre mais na esfera do discurso e da reflexão, não sendo ainda prática estabelecida. Todos os professores (100%) admitem que apenas os docentes das áreas de biologia e ciências naturais trabalham a educação ambiental à medida que ministram os conteúdos no decorrer do ano letivo. A abordagem metodológica é feita por meio de trabalhos em grupo desenvolvidos em sala de aula, vídeos, pesquisa bibliográfica, seminários ou aulas de campo. Além disso, os temas ambientais são debatidos, principalmente, em atividades pontuais nas datas comemorativas e semana do meio ambiente, como relatou alguns dos professores (30%). Percebe-se, portanto, divergência quanto à forma como a EA deve ser apresentada. Para alguns, sua inserção deve ocorrer de forma diluída no currículo, enquanto que para outros, esta deve ser uma disciplina isolada. Ou seja não incorporaram ainda a ideia de transversalidade na abordagem da temática conforme preconiza os PCN (BRASIL, 1997).

Para se obter dados mais precisos a respeito do envolvimento dos professores em atividades de educação ambiental, indagou-se sobre o conhecimento de projetos de educação ambiental que a escola desenvolve. Nos depoimentos, observa-se que muitos professores (70%), afirmaram com certa insegurança que acha que alguns colegas da escola desenvolvem apenas projetos de reciclagem e separação de lixo, revelando que a maioria dos informantes não conhece os trabalhos ou atividades de educação ambiental que seus colegas de escola realizam. Os professores de biologia e ciências afirmaram que trabalham a temática com palestras, vídeos/filmes, oficinas e atividades extra-classe. Fica característico que os poucos trabalhos realizados são feitos de forma individualizada e apenas por professores das áreas afins, conforme dito anteriormente. Para Araujo e Soares (2010) a interação, a troca de experiências e o planejamento coletivo são fatores fundamentais para que os objetivos propostos sejam alcançados. Fica difícil falar em EA sem o comprometimento de toda a comunidade escolar (DIAS, 2003).

Objetivando detalhar as afirmações contidas anteriormente, a pergunta seguinte buscou averiguar a participação dos informantes enquanto professores em atividades de EA, questionando diretamente se os mesmos já desenvolveram projetos de educação ambiental conforme mostra a Figura 1.

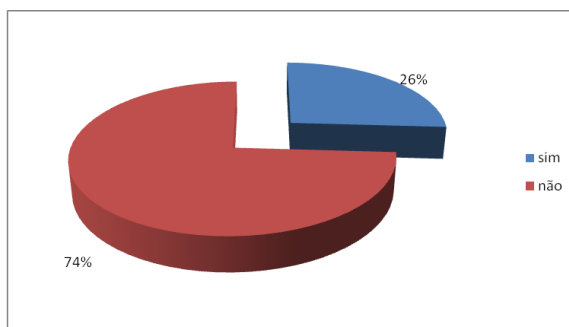


Figura 1 – Distribuição percentual do desenvolvimento de projetos em educação ambiental por parte dos docentes. Divisa Alegre - MG, 2012. Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

As respostas são surpreendentes e indicam que o envolvimento é superficial. A maioria (74%) respondeu que nunca se envolveu em qualquer atividade ou projetos na área, provavelmente por ser mais na área de ciências ou biologia, porém um dado que foi interessante é que reconhecem a necessidade e pretendem inserir a temática em seus conteúdos teórico-

práticos. Alguns professores revelaram que isso se deve não por falta de conhecimento e de interesse, mas por falta de iniciativa da direção. Apenas 26% já participaram de algum projeto efetivamente realizado com a temática ambiental. Os projetos citados foram sobre “Lixo urbano”, “Escola limpa” Projeto plantio de árvores”, “Gincana ambiental”, “Distribuição de latas de lixo e lixeiras nas salas de aula”, “Projeto de feira de ciências”. Percebe-se que a escola trabalha as questões relacionadas à temática ambiental de forma secundária, onde atividades são normalmente desenvolvidas isoladamente a partir das áreas de ensino tradicionalmente presente no contexto escolar.

Quando questionada a direção da escola percebe-se um certo paradoxo entre este e o discurso dos docentes. A direção foi altamente categórica em afirmar que a “*educação ambiental de fato faz parte do ensino dos alunos que lá estudam, onde a cada inicio de ano letivo os professores se reúnem para discutir as linhas de ação com o foco na educação ambiental; cada professor tem autonomia para propor em sua disciplina, respeitando sua carga horária, a melhor maneira de abordar o tema com seus alunos e, além disso, a escola já participou e já desenvolveu projetos relacionados a educação ambiental*”.

Em busca de conhecer as idéias dos professores sobre meio ambiente e educação ambiental, foi indagado o grau de conhecimento que dispõem sobre o tema. Os dados enfatizam que muitos dos professores não têm um conceito claro de meio ambiente, como pode ser evidenciado nas falas de alguns: “*meio natural onde todos vivem*”, “*natureza que permite as relações entre os seres vivos*”, evidenciando a necessidade de formação continuada e constante reciclagem, visto que as respostas apresentam concepções tradicionais de educação ambiental e uma visão naturalista de meio ambiente. A ausência de uma concepção sócio-ambiental limita demais a análise da problemática ambiental e, sobretudo, não analisa o ser humano enquanto componente fundamental do meio ambiente, capaz de destruir como de preservar e transformar seu “habitat” natural e social. Com base nos relatos obtidos e na literatura específica, mais precisamente nas contribuições de Barcelos (2008), a inserção de conteúdos da área biológica não deixa de ser importante, mas não é suficiente para desenvolver conhecimentos e valores. É preciso que tais conteúdos venham acompanhados de uma busca por mudança de atitudes em prol de uma nova racionalidade ambiental.

Entretanto, questionados sobre a importância que conferem ao tema, os informantes foram unânimes em afirmar que “*A EA é primordial no sentido de desenvolver consciência e hábitos ecologicamente corretos*”. Os professores ressaltaram a importância da escola como “*principal ferramenta de conscientização do aluno e conseqüentemente da sociedade*”. Isto é salutar pois está claro para eles a importância da EA para o exercício da cidadania e o papel importante da escola neste contexto (LOUREIRO; LAYRARGUES, 2005).

O envolvimento dos educadores em atividades de educação ambiental depende de várias condições. O interesse pelo tema, o nível de preparação, os cursos de aperfeiçoamento constituem papel decisivo, mas eles não são os únicos. Com o intuito de conhecer quais são as maiores dificuldades que envolvem o cotidiano dos professores no exercício de suas funções enquanto educadores ambientais, a questão seguinte buscou diagnosticar quais as maiores dificuldades que os professores encontram para desenvolver atividades relacionadas à temática ambiental conforme explicita a figura 2.

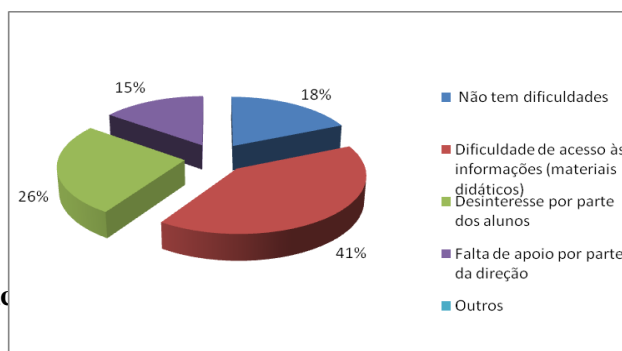


Figura 2 – Distribuição percentual das dificuldades para desenvolver atividades relacionadas à temática ambiental pelos docentes. Divisa Alegre - MG, 2012.  
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Tal figura demonstra que as maiores dificuldades estão ligadas ao acesso às informações, especialmente o material didático (41%). Segundo os professores, a maioria dos livros didáticos tende a fragmentar os problemas, contribuindo para uma formação em que o pensamento integrado e complexo fica restrito a uma intenção e/ou a exemplos e iniciativas que não contemplam as especificidades locais do município. Entretanto, isso não justifica a não realização das referidas atividades, pois os livros servem para complementar o trabalho dos professores, todavia não são os únicos recursos que permeiam o desenvolvimento das atividades (MEGID NETO; FRACALANZA, 2003). As pesquisas extra-escolares, os processos metodológicos e as trocas de experiência entre os professores das diversas disciplinas e mesmo entre outras instituições independem dessa condição. 18% disseram não ter dificuldades para trabalhar essa temática. Esses dados não são proporcionais às afirmações da pergunta que versou sobre desenvolvimento de projetos nessa área. Os 26% se referem ao desinteresse dos alunos, 15% a falta de apoio da direção.

Dada à complexidade da temática ambiental e as diferentes concepções que os professores têm sobre isto, questionou-se o maior desafio do educador, enquanto agente de conscientização ambiental, para inserir a EA em suas práticas pedagógicas. As respostas apresentadas pelos entrevistados demonstram que os desafios são muitos, dentre eles recursos financeiros para a realização de atividades de campo ou visitas a lugares de preservação, a informação, a conscientização, a participação e a motivação que, por sua vez, são ferramentas imprescindíveis que podem vir a contribuir para a mudança do paradigma escolar. Conforme Telles, Rocha e Pedroso (2002), faz parte também de um ponto de convergência de problemas a serem enfrentados: desigualdade econômica, exclusão social, preconceito, discriminação, degradação, violência e comodismos do corpo docente, maiores empecilhos para o desenvolvimento de trabalhos em parceria.

Com a intenção de estabelecer uma conexão entre problemática ambiental e o universo de trabalho na escola, perguntou-se aos professores quais seriam os problemas mais emergentes que a EA deve tratar. Segundo os docentes (80%), a educação ambiental deve tratar as questões globais críticas, suas causas e inter-relações em uma perspectiva sistêmica, em seu contexto social e histórico. Aspectos primordiais relacionados ao desenvolvimento e ao meio ambiente tais como reciclagem, poluição do ar, dos rios e mananciais, desmatamento, degradação da flora e fauna seriam os problemas mais emergentes e devem ser abordados dessa maneira. Ainda segundo os respondentes, para uma abordagem eficaz, que desperte o interesse, o raciocínio crítico, e a reflexão do aluno, esses temas podem ser trabalhados por meio de práticas pedagógicas inovadoras, a exemplo de projetos, o uso de textos de divulgação científica e de revistas, utilização de jogos e atividades lúdicas, entre outros.

Interrogados sobre o que poderia ser feito para que a educação ambiental seja efetivamente inserida na escola, os professores responderam que é necessário um melhor planejamento pedagógico, pois muitos deles não conseguem inter-relacionar a EA aos seus conteúdos curriculares. Segundo Cascino (2003), os parâmetros curriculares encontram-se de forma aberta e flexível e por isso podem ser adaptados à realidade de cada escola, sendo um instrumento útil no apoio às discussões pedagógicas, elaboração de projetos, nos planejamentos das aulas, na reflexão da prática educativa e análise de material didático. Afirma Barcelos (2008) que é de extrema importância que a EA seja inserida na rotina escolar de uma forma dinâmica,

estimulante, lúdica, divertida, para que seja desenvolvida nas crianças sua consciência, que possam mudar seus hábitos e o de suas famílias, enraizando a verdadeira necessidade de se preservar nosso meio e biodiversidade.

Como as atividades de EA, assim como qualquer outra atividade pedagógica exige certo nível de conhecimento acumulado sobre o tema, procurou saber dos professores pesquisados qual o nível de informação que dispõem sobre a temática ambiental. Conforme a figura 3, a alternativa "mais ou menos informado" foi a que obteve a maior indicação (74%). Na seqüência vem os "bem informados", com 26%. Não houve incidência de respostas nas demais alternativas. Mesmo considerando o alto índice dos que afirmaram estar "mais ou menos informados", conclui-se que os informantes se consideram pouco preparados para desenvolver atividades em EA.

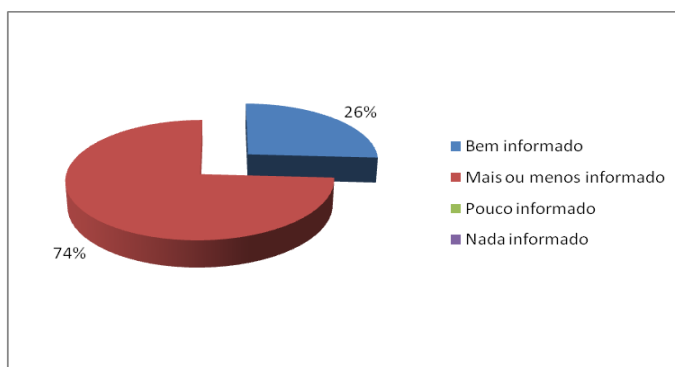


Figura 3 – Distribuição percentual do nível de informação que os docentes dispõem sobre a temática ambiental. Divisa Alegre - MG, 2012.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Ao se verificar o grau de interesse que os pesquisados julgam ter com relação ao tema, os dados revelam que todos os professores mostram-se majoritariamente interessados sobre o tema meio ambiente. Essas expectativas evidenciam dados importantes na contribuição do processo educativo. Quanto maior for o número de interessados, maiores serão as possibilidades para incorporar na escola trabalhos que envolvem a questão ambiental (ALVES, 2009).

Questionou-se aos informantes se os mesmos se sentem motivados para desenvolver projetos de EA na sua escola, e de acordo com a Figura 4, os percentuais da categoria bastante motivados (67%) e mais ou menos motivados (33%) perfazem um significativo índice de motivação, não havendo ocorrência para as outras categorias (pouco motivado e nada motivado). São dados relevantes que podem influenciar as ações pedagógicas relacionadas com as questões ambientais. A motivação é um fator essencial para que aconteça êxito no processo de ensino-aprendizagem (CARDOSO; COLINVAUX, 2000).

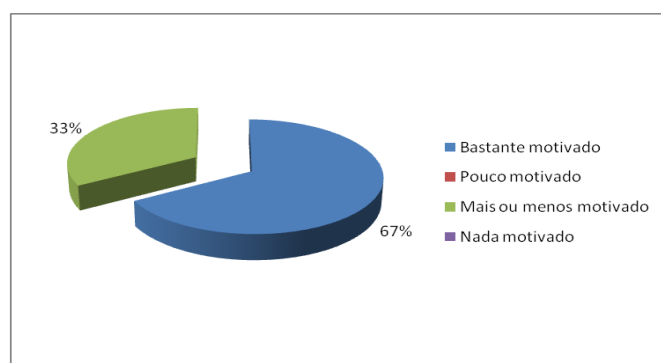


Figura 4 – Distribuição percentual nível de motivação dos docentes para desenvolvimento de atividades de EA. Divisa Alegre - MG, 2012.  
Fonte: Dados da pesquisa, 2012

Os professores encontram-se motivados para executarem os projetos, mesmo sem recursos financeiros e nenhum tipo de patrocínio para o desenvolvimento desses projetos, mas apresentam vontade de fazer por meio de atividades diferentes com os alunos, reforçar o conteúdo dos livros didáticos, inovar propostas de acordo com suas possibilidades, como por exemplo, como foi externado por 60% dos docentes “*passar nas ruas próximas a escola, para mostrar os riscos que os lixos espalhados trazem para a saúde das pessoas, pela falta de conscientização e educação*”.

Ao se questionar sobre os cursos de aperfeiçoamento ou de capacitação referente aos assuntos dessa natureza, os dados indicam que a formação dos professores tem sido insuficiente ou deficitária. De acordo a figura 5, 70% dos informantes afirmam não terem participado de cursos de aperfeiçoamento ou de capacitação na área ambiental. Apenas 30% afirmaram ter participado de cursos referentes a essa área, porém, enfatizaram que esses deveriam ser mais frequentes. Segundo os mesmos, a escola não oferece cursos que capacitem para trabalharem educação ambiental em sala de aula, falta incentivo para implantação de projetos, e também recursos financeiros das escolas. Os interessados buscam em outras instituições essa capacitação. Na tentativa de explicitar melhor a afirmação anterior, perguntou-se quais são os cursos que os professores haviam participado. Foram citados cursos de aperfeiçoamento como: educação ambiental e cidadania, reciclagem de lixo e consumo da água, saneamento e educação ambiental, seminário sobre meio ambiente. Esses dados evidenciam que os cursos de formação de professores na área ambiental ainda não são suficientes para atender esse contexto emergente, embora atualmente exista uma demanda de cursos que priorizem uma abordagem do referido tema, para que os educadores possam tratá-la de forma mais sistemática (LOUREIRO, 2007).

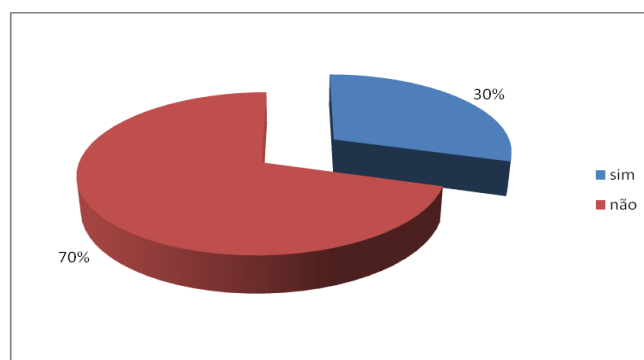


Figura 5 – Distribuição percentual da participação dos docentes em cursos de aperfeiçoamento ou de capacitação na área de educação ambiental. Divisa Alegre - MG, 2012.  
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Diante do exposto, e de acordo com as respostas dos docentes, percebe-se que implementar efetivamente a EA na Escola Estadual de Divisa Alegre-MG tem se mostrado uma tarefa complexa. Existem grandes dificuldades nas atividades de sensibilização e formação, na implantação de atividades e projetos e, principalmente, na manutenção e continuidade dos já existentes. É notório que essa temática é timidamente desenvolvida, estando na maioria das vezes ausente das práticas adotadas pelos educadores e desordenada dentro dos conteúdos programáticos escolar, com ações isoladas. Verifica-se um projeto tênue aqui, outro ali, envolvendo os alunos, muitas vezes, apenas para complementação de carga horária.

Nesse sentido, em sua prática pedagógica e curricular, o trabalho de EA deve ser desenvolvido a fim de ajudar os alunos a construírem uma consciência global das questões relativas ao meio para que possam assumir posições afinadas com os valores referentes à sua proteção e melhoria (ROCHA, 2010). Para isso é importante que possam atribuir significado àquilo que aprendem sobre a questão ambiental e os educadores têm um papel estratégico e decisivo nesse contexto (BRASIL, 1999).

Segundo Araújo e Soares (2010) fatores como o tamanho da escola, número de alunos e de professores, predisposição destes professores em passar por um processo de treinamento, vontade da diretoria de realmente implementar um projeto ambiental que vá alterar a rotina na escola, etc., podem servir como obstáculos à implementação da educação ambiental. A EA se dá por atividades pontuais, mas também precisa passar por toda uma mudança de paradigmas que exige uma contínua reflexão e apropriação dos valores que remetem a ela (JACOBI, 2003).

Esta é uma mostra interessante e enriquecedora, devendo ser adaptada aos objetivos da Proposta Curricular de Divisa Alegre. Assim, recomenda-se adotar uma metodologia problematizadora por meio de trabalhos de educação ambiental em que os alunos, educadores e demais membros da escola busquem melhorar e valorizar o ambiente escolar, favorecendo uma prática pedagógica partilhada por todos e desenvolvendo projetos propostos pelos próprios alunos (JACOBI; TRISTÃO; FRANCO, 2009). Pode-se iniciar com atividades simples, motivadoras e interessantes para os discentes, porém sem deixar que se percam de vista as outras dimensões da educação ambiental, ou seja, os aspectos históricos, políticos, econômicos, sociais e culturais, subjacentes aos temas trabalhados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vista como mediadora de possibilidades para o enfrentamento das atuais situações que permeiam as questões ambientais, a escola hoje tem papel primordial na formação de cidadãos comprometidos com a construção de uma sociedade sustentável.

A partir dos resultados obtidos, é possível tecer algumas considerações sobre as concepções dos professores da Escola Estadual de Divisa Alegre:

- Existe uma descontinuidade entre os propósitos e as práticas educativas. O nível de envolvimento dos professores em atividades de EA é bastante baixo, revelando um conhecimento parcial sobre o tema, o que leva a considerar a ausência de projetos específicos na área. Poucos se encontram preparados para desenvolverem EA;
- As atividades de EA desenvolvidas na escola ocorrem esporadicamente, de forma fragmentada e por meio da iniciativa de alguns poucos professores. Embora, haja um grande progresso no enraizamento da EA na escola, observa-se que ela ainda ocorre de forma pontual realizada em datas comemorativas, como é o caso do dia do meio ambiente, da árvore, da água e outras datas;
- Outra barreira a ser vencida está em trabalhar essa temática junto aos conteúdos das diferentes disciplinas que compõem o currículo. O trabalho interdisciplinar pode ser uma possibilidade para uma mudança no processo educativo. Infelizmente, são poucas as disciplinas que contemplam o tema ambiental, o que pode contribuir para o não interesse dos alunos sobre a questão ambiental, uma vez que eles não têm espaço durante as aulas para discussão acerca da temática.
- Um outro entrave está na indisponibilidade de recursos didáticos, que por sua vez é considerado como limitante para que os educadores desempenhem a contento sua tarefa.



Uma parcela dos profissionais desconhece a vasta bibliografia disponível no mercado editorial;

- Diagnosticou-se também que uma das características que inibe o envolvimento dos profissionais para o andamento do processo educativo é a ausência de uma formação criteriosa dos mesmos, pois é uma das mais importantes políticas no que diz respeito à capacitação. Não basta apenas estar sensível às questões ambientais, é preciso estar acima de tudo preparado e instrumentalizado para enfrentar esse desafio.

Partindo desta análise, sugere-se que as escolas do referido município, busquem melhores adequações de suas proposições pedagógicas e possam contribuir para a compreensão e possíveis encaminhamentos dessa problemática. Entende-se que o grande desafio para a inserção da EA no ensino formal, está em oferecer subsídios para a formulação de projetos e propostas pedagógicas adequadas às diferentes realidades sociais, ambientais, políticas, econômicas e culturais, onde as comunidades escolares estiverem inseridas.

Sem sombras de dúvidas vale ressaltar que ao lado dessas questões está a perspectiva dos profissionais, na busca de uma postura mais radical que venha transformar o processo educativo. Isto implica em superar as barreiras do comodismo e buscar diferentes alternativas metodológicas para atender suas necessidades.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ricardo de Andrade. **A questão do lixo: o exemplo começa na escola.** 2009. 37f. Monografia (Pós- Graduação em Educação Ambiental), Faculdades Integradas de Jacarepaguá, Pólo Linhares/ES, 2009.

ARAUJO, M. I. O.; SOARES, M. J. N. **Educação ambiental: o construto de práticas pedagógicas consolidadas na pesquisa de professores em escolas públicas.** Aracaju: Criação A&C, 2010, 209p.

BARCELOS, V. **Educação ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes.** Rio de Janeiro: Vozes, 2008, 195p.

BRASIL. Lei Federal n. 9.795 de 27 de abril de 1999. **Política Nacional de Educação Ambiental.** Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Meio ambiente.** Vol.9. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental (SEF), 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro091.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 196/96:** aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, 1996.

CARDOSO, S. P.; COLINVAUX, D. Explorando A Motivação Para Estudar Química. **Química Nova**, v. 23, n.2, p. 401-404, 2000.

CASCINO, F. **Educação ambiental: princípios, história, formação de professores.** São Paulo: Senac-SP, 2003, 96p.

DIAS, G. F. **Educação ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 2003, 100p.

EFFTING, Tânia Regina. **Educação ambiental nas escolas públicas: realidade e desafios**. 2007. 90f. Monografia (Pós-graduação em Planejamento para o desenvolvimento sustentável), Universidade estadual do oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon/PA, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/apps/mapa/>> Acesso em: 26 de Nov 2012

JACOBI, P.; TRISTÃO, M.; FRANCO, M. I. G. C. A função social da educação ambiental nas práticas colaborativas: participação e engajamento. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 29, n. 77, p. 63-79, jan./abr. 2009.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, março/ 2003.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004, 105p.

\_\_\_\_\_. **A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2007, 201p.

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005, 106p.

MEGID NETO, J.; FRACALANZA, H. O livro didático de ciências: problemas e soluções. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 147-157, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

PAIVA, Milta Cecília Gomes de. **Educação Ambiental: conscientização, sensibilização e preservação do meio ambiente na escola pública**. 2008. 82f. Monografia (Pós- Graduação em Educação Ambiental), Faculdades Integradas Ipitanga, Lauro de Freitas/BA, 2008.

POLIT, Denise F.; BECK, Cheryl Tatano; HUNGLER, Bernardett P. **Fundamentos de pesquisa em Enfermagem: métodos, avaliação e utilização**. Trad. Ana Thorell. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2004, 98p.

RIBEIRO, Marizélia Rodrigues da Silva. **Concepção dos professores da educação infantil e ensino fundamental do Instituto de Educação Rui Barbosa em Vitória da Conquista – BA sobre a educação ambiental**. 2008. 90f. Monografia (Pós- Graduação em Educação Ambiental), Faculdades Integradas Ipitanga, Lauro de Freitas/BA, 2008.

ROCHA, Ana Paula de Oliveira. **A educação ambiental no contexto escolar como elemento indispensável para transformação da consciência ambiental**. 2010. 45f. Monografia (Graduação em Pedagogia), Instituto Superior de Educação da Faculdade Alfredo Nasser, Aparecida de Goiânia-GO, 2010.

TELLES, M. Q.; ROCHA, M. B.; PEDROSO, M. L. **Vivências integradas com o meio ambiente**. São Paulo: Sá Editora, 2002, 96p.

Artigo recebido em 31/ago./2012. Aceito para publicação em 25/nov./2012. Publicado em 2/jan./2013.

**Como citar o artigo:** ALMEIDA, Obertal da Silva; *et al*. Educação ambiental e a prática educativa: estudo em uma escola estadual de Divisa Alegre – MG. In: **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 13 (jul. – dez. 2012), Feira de Santana – BA (Brasil), dez./2012. p. 155-173. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.